



Comunicado de Imprensa
Lisboa, 1 de Março de 2016

Fazia falta um festival que marcasse a dança no imaginário da cidade

Em 2015, a EIRA iniciou o lançamento do **Cumplicidades – Festival Internacional de Dança Contemporânea de Lisboa**.

Francisco Camacho, director artístico, reclamou a existência de um festival dedicado à dança contemporânea em Lisboa, que não existia desde há vários anos: “o tempo de crise e de austeridade acentuou a fragilidade de um sector que nunca se consolidou verdadeiramente e era urgente uma ocasião, um contexto, que impulsionasse o sentido de comunidade, o orgulho de si.” O Cumplicidades é um festival que abarca, nas margens da dança, propostas que desafiam classificações e cultivam o hibridismo e a pluridisciplinaridade.

O balanço positivo e experimental da edição zero – um “acto de resistência” face aos contrangimentos do país – preparou terreno para a **primeira edição oficial do Cumplicidades que arranca com duas co-produções e uma componente internacional focada na zona do mediterrâneo**.

Era necessário reposicionar Lisboa no mapa da dança internacional

O Cumplicidades tem como desígnio de contribuir para a visibilidade de propostas com menos presença ou com maior dificuldade de inserção nos circuitos existentes. “A opção pela zona do mediterrâneo, com foco particular no Médio Oriente, decorre de um interesse anterior da EIRA. A **Conferência Internacional Complicities: Moving Latitudes** persegue também este objectivo, proporcionando momentos de reflexão e informação útil para os diversos participantes, assim como suscitar interesse por Lisboa e pela sua comunidade artística por parte de protagonistas internacionais”.

Ezequiel Santos volta a assumir a programação que depois da *memória* (edição 2015) se foca, este ano, nos *processos* artísticos. A partir daqui, o Festival será bienal e a programação nacional definida por um/a convidado/a diferente em cada edição, atendendo aos princípios de reinvenção e pluralidade, com o intuito de garantir a diversidade de abordagens artísticas.

Destaques de Programação:

Conferência Internacional

Complicities: Moving Latitudes

Como se trabalha em dança? Que tecido de relações é possível construir entre os seus agentes e os seus públicos? Reunindo investigadores, gestores culturais, programadores e artistas, a Conferência Internacional *Cumplicidades: Latitudes em Movimento* pretende reflectir sobre aspectos do trabalho em rede, da criação à acção, no domínio da dança contemporânea.

A conferência irá decorrer em inglês.

Co-Produções

O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno, de Joana von Mayer Trindade & Hugo Calhim Cristovão

4, 5 Mar 21:30h • 6 Mar 19h • Alcantara

Um dueto onde Um se sente medo, muito, e Um se sente excitado, muito. Representando o fluxo constante de lugar nenhum para lugar nenhum, a dissolução das fronteiras e/ou regras, a livre circulação de informações ainda não definidas, onde todos os relacionamentos estão em movimento com/sem. O conceito de caos aparece aqui como um leitmotiv a explorar de modo a lidar com profundidades inconscientes, vibrações, energia pura, velocidades infinitas, intensidades, sensações, loucura, imprevisibilidade, pluralidade, possibilidades infinitas, campo aberto, deixando de lado o ego e os padrões pré-concebidos ou as expectativas. Caos como um criador de forças contrárias, de tensões, conflitos, desesperos, alimentando-se dos resíduos mais invisíveis, de céu, de inferno. Um dueto onde Um sente medo, muito, e Um sente-se excitado, muito. E assim se sentem ambos, e se sentem dois, mais do que apenas Um. Seja um anjélico, seja um demoníaco, ambos são duo e ambos são dueto. JvMT & HCC

PREMIÈRE

Os Mal Sentidos, de Andresa Soares, Matthiew Ehrbacher & Gonçalo Alegria

9, 10, 11 Mar 21.30h • Negócio ZDB



© Joana Linda

Os Mal Sentidos trabalha sobre vários níveis de tradução e de deslocação de sentidos da realidade para complexificar a leitura da actualidade numa tragicomédia do Presente. O que poderá ser hoje o processo de construção do mito? O mito é construído através da reprodução de narrativas que, pela sua repetição, se tornam colectivas. Hoje, associamos aos media essa construção embora saibamos que, ao

aceder à informação, não a encaramos como narrativa mitológica, mas sim factual. O modo como é transmitida a informação reflecte o que “se acredita” ser a articulação do pensamento contemporâneo. As palavras que usamos (ou que caem no uso comum) revelam as nossas crenças, o mundo que temos para articular. Num jogo de espelhos, criam-se vários dispositivos que desdobram a realidade do espaço de apresentação (público, intérpretes, linguagem, tradução, criação de movimento) em “agora” e “representação do Presente”. Cria-se assim uma “confusão dramática”, reflexo do modo de percepção e tradução da actualidade. Aqui, duas pessoas estão sujeitas à linguagem, como uma arma.

Estreias Nacionais

[Who said anything about dance?!](#), de Karima Mansour [EGIPTO]

11, 12 Mar 19h • Alcantara

Who said anything about dance!? procura dissecar o papel do artista, bem como o da arte. É um trabalho que se inspira em situações relacionadas com a construção da identidade de um artista. Revelando as entranhas e a intimidade do próprio processo criativo, Mansour joga com as expectativas da audiência para questionar as constantes solicitações e pressões a que o criador está sujeito. Afinal para que serve a arte? Serve para entreter ou para questionar e, algumas vezes, também perturbar? Ao longo deste espectáculo, o tom irónico revela que há sempre mais a ler nas entrelinhas...

[You're not a fish after all](#), de Mihran Tomasyan & Çıplak Ayaklar Kumpanyası [TURQUIA]

15, 16 Mar 21:30 • Rua das Gaivotas 6



© Sehnede Benli

Atravessamos o caminho da água, colocamos sacos de areia ou uma barreira, mas independentemente do que façamos, a água encontra sempre uma fenda, e continua a fluir livremente, naturalmente, na sua jornada, enfrenta muitos obstáculos, talvez até mesmo se torne toda enlameada, no entanto, neste país, “assassinatos de água” acontecem constantemente. Esta peça é a história daqueles que fazem da viagem na água a sua própria jornada e passeiam ao longo de todos os tipos de água. Uma mala de viagem é aberta, e as coisas que de lá saem têm certamente vontade de encontrar suas próprias ranhuras.

[Contessa](#), de Meryem Jazouli [MARROCOS]

18, 19 Mar 21:30h • Rua das Gaivotas 6

O solo interpretado pela coreógrafa marroquina Meryem Jazouli e escrito com a cumplicidade de Fatima Mazmouz, Contessa faz-nos mergulhar nas lendas e tradições de Marrocos através das suas principais figuras femininas. Desde a feiticeira e prostituta, Aïcha Kandisha – espírito que possui algumas mulheres e enlouquece os homens – a Haja Hamdaouia – cantora marroquina que modernizou o Aïta

Marsawiya (música popular marroquina) – a coreógrafa escolhe encarná-las e desencarná-las simultaneamente. Através do movimento e de um trabalho com a respiração e a voz, Meryem Jazouli desconstrói, um por um, os mecanismos destas caricaturas fantasmáticas do imaginário masculino para mostrar uma multiplicidade de identidades femininas mais ambíguas mais complexas. Como se fosse para nos dizer que ela é um pouco de todas estas figuras mas é, sobretudo, uma figura singular.

*

Para mais informações e pedidos de imagens pf. contactar:

Rita Xavier Monteiro

Comunicação

comunicacao@festivalcumplicidades.pt

[+351 917 954 221](tel:+351917954221)



Festival Internacional de
Dança Contemporânea de Lisboa

